

RUA DOS GUAICURÚS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976, artigo 2º, Inciso XXVIII

Formada pela rua 28 da Vila Costa e Silva e rua 20 da Vila Miguel Vicente Cury

Início da rua dos Iguás

Término na divisa da Fazenda Santa Genebra
Vila Costa e Silva

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 17.054 de 01-07-1976.

GUAICURÚS

Grupo de índios localizados no Grande Chaco e nas campinas do Sul de Mato Grosso. Muitas de suas tribos são extintas. Possuíam extensas pastagens com grande quantidade de gado vacum, cavalari e la nígero. Os poucos que restam, dedicam-se à caça, pesca e agricultura rudimentar. São ainda bons cavaleiros, porém o contato com a civilização está transformando-os rapidamente. Os guaicurús foram afamados montadores. Eram nomades, permanecendo numa região apenas enquanto esta lhes fornecesse frutas e caças suficientes para alimentação da tribo. Eram guerreiros valentes, contando-se deles inúmeras façanhas. Para ser admitido como guerreiro, o jovem guaicurú tinha de se submeter à "prova da dor": os outros espetavam-lhe flechas e lanças nas partes mais delicadas do corpo e ele tinha de aguentar, sem caretas nem queixas. Curioso que quando morria um chefe guaicurú, alguns índios se suicidavam para acompanhá-lo e servi-lo na viagem ao além. Também costumavam deixar sobre o tumulo do morto, sob o abrigo de um teto de palha, alimentos para que ele pudesse fazer a grande viagem sem perder as forças. Os guaicurús eram bons cavaleiros. Eram muito habéis no manejo de uma pesada borduna, feita do estipe da palmeira gerivá; com o cavalo em disparada, desferiam com ela certo e mortal golpe na caça. Mas, se acaso falhava esse golpe, atiravam a borduna à caça em fuga, acertando infalivelmente. Em geral, a caça era atingida nas pernas, partindo-as. Do mesmo modo perseguiam e derrubavam índios inimigos, quando em guerra.

RUA DOS GUAICURUS

Decreto nº 4976 de 28-10-1976



XXV — RUA DOS GUARANIS — a Rua 25 que tem início à Rua 36 e término à Rua 29 da Vila Costa e Silva

XXVI — RUA DOS GUAIANASES — a Rua 26 que tem início pela própria Rua 26 e pela 22 da Vila Miguel Vicente Cury, começa na Rua 36 e termina à Rua 5 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXVII — RUA DOS GUARAMOMIS — a Rua 27 que tem início à Rua 36 e término à Rua 23 da Vila Costa e Silva.

XXVIII — RUA DOS GUAICURUS — a Rua 28, formada pela mesma Rua e pela 20 da Vila Miguel Vicente Cury e que tem início na Rua 36 e termina na divisa com a fazenda Santa Genebra.

XXIX — RUA DOS GUAINUMBIS — a Rua 29 que é formada por ela mesma e pela Rua 66 do Jardim Santa Genebra, tem início na Avenida 2 da Vila Costa e Silva e término à Rua Pascoal Note.

XXX — RUA DOS GUATÁS — a Rua 30 que tem início à Rua 1 e término à Avenida 2.

XXXI — RUA DOS GUAICANÁS — a Rua 31 que tem início na Avenida 2 e término na Rua 23.

XXXII — RUA DOS GRADAUS — a Rua 33 que tem início na Avenida 2 e término na Rua 23.

XXXIII — RUA DOS ITATINS — a Rua 33 que tem início na Avenida 2 e término na Rua 23.

XXXIV — RUA DOS IMARES — a Rua 34 que tem início à Rua 26 e término à Rua 23.

Decreto nº 4976 de 28-10-1976 ART. 3º

XVIII — RUA DOS CRAÇOS a Rua 18 que tem início à Rua 31 e término à Rua 4 do mesmo loteamento.

XIX — RUA DOS ANAMBÉS a Rua 19 que tem início à Rua 31 e término à Rua 4 do mesmo loteamento.

XX — RUA DOS GUAICURUS as Ruas 20 e 28 da Vila Costa e Silva que têm início à Rua 36 e término na divisa com a Fazenda Santa Genebra.

XXI — RUA DOS TABAJARAS a Rua 21 que tem início à Rua 4 e término à Rua 5 do mesmo loteamento.

XXII — RUA DOS GUAIANASES as Ruas 22 e 26 da Vila Costa e Silva que têm início a Rua 36 e término à Rua 5 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXIII — RUA DOS POTIGUARAS a Rua 23 que tem início à Rua 3 e término na divisa com a Fazenda Santa Genebra.

XXIV — RUA DOS CAIAPÓS as Ruas 24 e 25 da Vila Miguel Vicente Cury e Rua 24 da Vila Costa e Silva que têm início à Rua 36 da Vila Costa e Silva e término à Rua 7 da Vila Miguel Vicente Cury.

XXV — RUA DOS GOITACASES a Rua 26 que tem início à Rua 3 e término à Rua 8 do mesmo loteamento.

XXVI — RUA DOS COXIPONÉS a Rua 27 que tem início à Rua 3 e término à Rua 7 do mesmo loteamento.

XXVII — RUA DOS PAIAGUÁS a Rua 28 que é formada pela própria Rua 28 e pela Rua 67 do Jardim Santa Genebra, que tem início a Rua 29 da Vila Costa e Silva e término na Avenida 1 do mesmo loteamento.

XXVIII — RUA DOS JIVAROS a Rua 30 que tem início à Rua 9 e término na Avenida 1 do mesmo loteamento.

XXIX — RUA DOS MACUNIS a Rua 32 que tem início à Rua 8 e término na Avenida 1 do mesmo loteamento.

XXX — AVENIDA GRAÇA ARANHA a Avenida 1, Rua 54 parte até o lote 12, Quadra 61 — Santa Genebra, que tem início à Rua 54 do Jardim Santa Genebra e término na divisa com a Fazenda Santa Genebra.

ARTIGO 4.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de outubro de 1976

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos por Carlos Roberto M. Guimarães, Coordenador Administrativo do Setor de Expediente da Consultoria Jurídica, com os elementos constantes do protocolado n.º 017054 de 1 de Julho de 1.976 e, publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito em 28 de outubro de 1976.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete

RETIFICAÇÃO

DECRETO N.º 4976, DE 28 DE OUTUBRO DE 1976

Da denominação a diversas vias públicas da cidade de Campinas.

Publicam-se novamente os itens abaixo, por terem saído com incorreções:

ARTIGO 1.º

XXX — RUA JOSÉ JOAQUIM DE FRANÇA JÚNIOR (1838 — 1880) — Jornalista e Escritor — a Rua 58 que tem início à Rua Pedro Vieira da Silva e término à Rua Nicolau Cerone.

XXXII — RUA OSÓRIO FILHO — Historiador e Sociólogo — a Rua 64 que tem início à Rua 65 do mesmo loteamento e término à Rua Pedro Vieira da Silva.

ARTIGO 2.º

XII — RUA DOS BOROROS — a Rua 12 que tem início à Rua 34 e término à Rua 30 da Vila Costa e Silva.

XXXII — RUA DOS GRADAUS — a Rua 32 que tem início na Avenida 2 e término na Rua 23.

CAMPINAS, 3 DE NOVEMBRO DE 1976

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe de Gabinete do Prefeito





Grupo de índios localizados no Grande Chaco e nas campinas do S. de Mato Grosso, Brasil. Exímios cavaleiros, sua classificação foi por muito tempo discutida; hoje são considerados um grupo isolado. Muitas de suas tribos são extintas; no Brasil há remanescentes "caduveus" e outros, localizados entre os rios Apa e Ipane, e "tereré" e "nabileque", no S. de Mato Grosso. Pouco se conhece de sua organização social; eram monógamos e possuíam extensas pastagens com grande quantidade de gado vacum, cavalar e lanígero, conseguidos, certamente, através de portugueses e espanhóis. Atualmente, dedicam-se à caça, pesca e a uma agricultura rudimentar; são ainda bons cavaleiros, porém o contato com a civilização está transformando-os rapidamente.

Var.: Uaicurus.

(Extraído de fls. 236, volume 10, da Enciclopédia Brasileira Mérito).



Os indigenas do Brasil

COSTUMES DOS GUAICURUS

Os guaicurus foram índios cavaleiros que viveram no sul do Mato Grosso. Já não deve haver nenhum, ou muito poucos. Eram nomades, permanecendo numa região apenas enquanto esta lhes fornecesse frutas e caça suficientes para alimentar a tribo. Eram guerreiros valentes, contando-se deles inúmeras façanhas. Para ser admitido como guerreiro, o jovem guaicurur tinha que se submeter à "prova da dor": os outros espetavam-lhe flechas e lanças nas partes mais delicadas do corpo e ele tinha que aguentar firme, sem caretas nem queixas.

Coisa curiosa, que lembra o costume de povos antigos como egípcios, babilônicos, sumerianos e outros, quando morria um chefe guaicurur, alguns índios se suicidavam para acompanhá-lo e servilo na viagem ao além. Também costumavam deixar sobre o tumulo do morto, sob o abrigo de um teto de palha, alimentos para que ele pudesse fazer a grande viagem sem perder as forças.

Matavam as crianças que nasciam disformes, assim como também eliminavam as que eram filhas de pais desconhecidos e as que nasciam gêmeas.

As mulheres guaicurus só concebiam depois dos trinta anos e só criavam um filho, matando os outros assim que nascessem. Diz Azara que o aborto era comum entre as mulheres guaicurus e praticado da maneira mais violenta que já se viu: a mulher grávida pedia a outra mulher que andasse de joelhos sobre o seu ventre.

A poligamia não era permitida, isto é, cada guerreiro só podia ter uma mulher... de cada vez. Quando se cansasse dela, podia trocá-la por outra, mas tinha a seu lado sempre só uma...

GUAICURUS, INDIOS CAVALEIROS

Quando se pensa em índios cavaleiros só nos vêm à memória os índios do Oeste norte-americano que o cinema e algumas obras literárias populares celebrizaram. Vemo-los, então, montados em seus fofos cavalos, cercando caravanas de pioneiros nas extensas planícies.

Mas tivemos também no Brasil índios cavaleiros, os guaicurus, de que restam talvez ainda alguns sobreviventes no sul do Mato Grosso, onde viveram em quantidade, mudando frequentemente de um para outro ponto, conforme a abundância da caça. Os guaicurus, que eram bons cavaleiros, chamavam ao cavalo *apolicane* (anta) e à anta, para a diferenciar, *apolicane do mato*. Eram muito habéis no manejo de uma pesada borduna, feita do estipe da palmeira gerivá: com o cavalo em disparada, desferiam com ela certo e mortal golpe na caça. Mas, se acaso falhava esse golpe, atiravam a borduna à caça em fuga, acertando infalivelmente. Em geral, a caça era atingida nas pernas, partindo-as. Do mesmo modo perseguiam e derriam índios inimigos, quando em guerra.

Ao pressentirem sua presa meio oculta entre os carrascais, incitavam o cavalo com gritos adequados e partiam a toda velocidade, rodopiando no ar a perigosa borduna. Perseguiam um veado por onde quer que ele fosse, entre as árvores e o matagal. Por isso, tinham que ser muito bons cavaleiros.

O orgulho dos guaicurus

Falamos, outro dia, nas habilidades de cavaleiros dos índios guaicurus. Hoje, vamos transcrever, de Lima Figueiredo, "Índios do Brasil" (Cia. Ed. Nacional, 1939), este curioso episódio:

"Nos fins do século passado (século XVIII), brigaram os guaicurus, com os paiguás, que, como se sabe, habitavam o Paraguai e de cujo nome, por corrupção, formou-se a palavra Paraguai. Da dita briga resultou chegarem-se a nós os guaicurus que, até então, aliados dos paiguás, tinham odio de morte à colônia portuguesa em Mato Grosso. E, porque mudassem de opinião, determinaram jurar fidelidade a el-rei de Portugal como seus vassallos, o que fizeram em Cuiabá, na presença do capitão-general Luís de Albuquerque. Nessa visita, porém, recusou a mulher do chefe guaicurur Emavedí Chané, orgulhosa da sua estirpe de chefe por herança, juntar-se à senhora do capitão-general, dizendo que essa senhora era igual às suas escravas e que ela, mulher de Emavedí Chané, tinha por igual a mulher desse que ficou lá... e apontava com a mão para longe. Essa que ela reconhecia por sua única igual era a rainha d. Maria I."

(Recortes extraídos de diversas edições da secção "Lendas, Mitos e Crendices do Brasil", de autoria de J.B.M., inserida no jornal "Folha de São Paulo")

Fdat 05.11.76

Folclore

LAURA DELLA MONICA

TERRA DOS GUAICURUS

O ouro surgia "como a nata do leite", e "todo o mundo" começou a se chegar para experimentar mais uma aventura. O povoado também apareceu, tornou-se Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. O diamante cobijado estava nas águas e na terra. Depois a grande procura de casca de angico, do mate, das madeiras de Lei. O gado chegou, os boiadeiros selecionaram os melhores zebus. Então a passagem do gado era obrigatória por certas regiões e a distância ouvia-se o costumeiro aboiado, sempre sentimental.

Com a riqueza, o progresso. A influência paraguaia; a miscigenação de raças, de idiomas, de usos e costumes. Campo Grande, Dourados, Aquidauana, Três Lagoas, Ponta Porã, Rondonópolis, Bela Vista. Mas o garimpo ainda vive na ideia de muita gente. No extremo norte do pantanal está S. Luiz de Cáceres, que se tornou cidade importante. O rio Gauru, afluente do Paraguai, apresenta lindos aspectos naturais como salto da Fumaça; os rios Cabaçal e Brancos formando os saltos chamados das Estrelas, das Nuvens e do Céu.

Se você conversar com os caçadores e pescadores ficará sabendo de uma porção de

coisas lindas que a dádiosa natureza proporciona naquele Estado. Há uma variedade de peixes, raia, dourado, pintado, jaiu, jurupoca. Também há cobras e jacarés. Come-se caruru (quiabo, maxixe e carne seca), polenta, churrasco, ensopado (carne fresca, mandioca, banana e verdura), cabritada, sarrabulho e feijoada.

As aves que habitam o Estado têm seus costumes tão conhecidos. O Tachá faz um alarme com a aproximação de alguém. Os sertanejos dizem que ele saúda ao romper do dia. Seu grito é ensurdecedor, vivendo nas lagoas do Pantanal. O casal Aracauá, num dueto, passa o tempo dizendo: "Quero casar, pelo Natal" ou "Quero casar, quero matar". O Trinca-Ferro, o Currupira do Brejo são hóspedes permanentes da região, bem como o Jaó que se despede todas as tardes com seu triste canto. Há lendas a respeito, descritas por Dalgas Frisch e Rubens de Mendonça. Além desses pássaros e aves encontra-se o Tuiuiu sempre lembrado nas quadrilhas populares da dança "ciriri": "Marrequinha da lagoa/ Tuiuiu do Pantanal/ Marrequinha pega o peixe/ Tuiuiu já vem tomá".

Nas festas de São João,

Divino e outros estão presentes, as modas-de-violão, os repentistas e cantadores de Caruru e das danças de S. Gonzalo. Canoas e botes caminham pelos rios, a pantanera (carrista especial), o carro-de-boi por terra vão levando e trazendo notícias, mercadorias e gente. Todos os municípios têm sua história, seu passado, seu futuro. Corumbá, cidade fincada em cima do morro calcáreo. "Cidade Branca", de sol ardente. E hábito tomar-se guaraná, bebida especial da região, além do mate e, para quem gosta, um licor de piqui. A medicina caseira tem seu lugar de destaque bem como as anedotas, os contos e "causos" de caçadores e pescadores. O Catapaz é homem destemido. Ele sabe de tudo e está seguro do que faz. Experimentado no seu dia-a-dia toma conta da boiada, da fazenda e dos peixes de toda espécie que surgem a cada instante. Três Lagoas, habitada por Caiapó, recebeu seu nome em 1832, recebeu seu nome no começo do século XX. Município importante, bem perto de Urubupungá, um dos orgulhos do País.

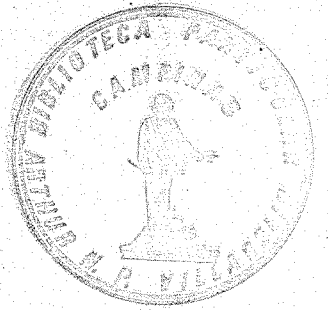
E o Parque Nacional do Xingu — a grande reserva de proteção aos índios que nos en-

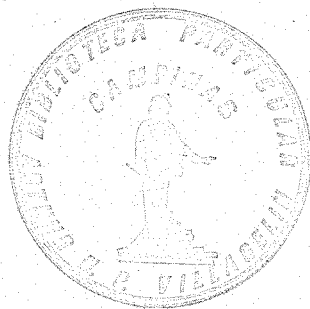
tecidos e alvejados. O belo tracado de fibras vegetais, as gamelas, os pilões, as colheres-de-pau e a cerâmica com ornamentos em alto-relevo estão à disposição dos interessados.

Em Mato-Grosso a tradição e a indústria, a preservação e o progresso foram binômios res- peitados em favor da cultura popular e do desenvolvimento daquele Estado em função de Brasil Grande.

sinaram a conhecer a terra "in natura" — e dela aproveitou o que há de melhor para a indústria em benefício do progresso da Nação. Guardamos as lendas contadas pelos seus ancestrais — Campo Grande, a imagem do progresso. Cuiabá, a "capital nascida do ouro". A festa de São Benedito é sempre tratada com carinho pelos cuiabanos. Remonta ao período colonial. Ela se realiza na Igreja de Nossa Senhora do Rosário com a participação da Irmandade de São Benedito e a presença permanente do Rei, da Rainha, do Capitão do mastro e Alferes da Bandeira. Em Mato Grosso viveram homens cultos da cidade grande: sertanejos orgulhosos da terra que cultivaram; garimpeiros levados pelo gosto da aventura, naturalmente descendentes de um dos heróis da Guerra do Paraguai; jovens e velhos vaqueiros aculturados às margens do Xingu e outros em estado natural pelo Roncador. Para todos eles um mundo já foi descoberto, um mundo que se perde de vista entre o rio, a chapada e o pantanal.

Atualmente a Primeira Dama do Estado procura dar uma imagem nova e atraente em relação ao artesanato. Os teares manuais voltaram a funcionar produzindo lindos



Lendas, Mitos e Crendices do Brasil J. M.Tupã e a bravura dos
índios guaicurús

Todos os índios se consideram muito valentes e, segundo cada um deles, eles próprios e sua gente são capazes de quaisquer proezas e são fortes e corajosos, ao passo que os demais índios são fracos e medrosos. Esta lenda guaicuru mostra bem essa constante indígena:

UM guaicuru perguntou uma vez a Tupã porque fizera tão numerosas as tribos dos Guanás, dos Chamacocos, dos Terenos, dos Kinikinás e outras, e a dos guaicurús com tão pouca gente. Respondeu Tupã: "É porque os guaicurús são os homens mais robustos da terra. Se fossem muitos, todos os outros ou seriam seus escravos ou não mais existiria".

O guaicuru perguntou ainda porque dera ele aos outros povos o arco e a flecha, armas tão terríveis, e a eles dera apenas o bastão de gerivá, sua única arma.

— Se vocês, guaicurús — respondeu Tupã — são tão temidos e escravizam outros homens só com esse bastão, que não fariam se manejassem as flechas usadas pelos seus inimigos?

(Recorte do jornal "Folha de São Paulo")